



## Comunicação, Discurso e Identidade: Um Estudo do Meio Esportivo e os que se Intitulam Mahamudra<sup>1</sup>

Carolina Batista Siqueira<sup>2</sup>

Graduanda da ESPM-SP

### Resumo

Neste artigo elegemos como objeto de estudo o grupo Mahamudra, fenômeno no esporte na modalidade esportiva de treinamento funcional. Procuramos estudar como o meio esportivo influencia a construção da identidade do Mahamudra. Para isso, nos apoiamos em pesquisa bibliográfica, documental e participante, com o intuito de compreender como esse processo de construção e de consumo ocorre em meio a esse grupo. Para este artigo, usaremos como autores principais: Alan Ehrenberg, Pierre Bourdieu, Norman Fairclough e Michel Maffesoli que trazem os conceitos de performance, esporte, discurso e identidade; respectivamente.

**Palavras-chave:** Comunicação, identidade; esporte; discurso; tribo Mahamudra.

Depreendemos este artigo de um estudo mais amplo, realizado por ocasião de nossa monografia de conclusão de curso na graduação de Publicidade e Propaganda, pela ESPM. A possibilidade de debater o andamento da pesquisa com participantes do Comunicon representa importante diálogo para o ampliarmos nossas perspectivas.

A nossa temática – Comunicação, Discurso e Identidade: Um estudo do meio esportivo e os que se intitulam Mahamudra. – entendemos que vai ao encontro da ementa do GT 02 - COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 - COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Estudante do sétimo semestre do curso de Graduação de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), pela ESPM. Preparou este artigo sob a orientação da Profa. Rosilene Marcelino. E-mail: [carolsiqueira\\_60@hotmail.com](mailto:carolsiqueira_60@hotmail.com).



A nossa investigação parte de um questionamento: Como o consumo do esporte influenciou a construção da identidade do grupo Mahamudra?

O grupo Mahamudra é um grupo de treinamento funcional que se reúne no parque do Ibirapuera, em São Paulo, e oferece um método de desenvolvimento humano que envolve yoga, acrobacias, exercícios aeróbicos, *crossfit*, artes marciais e meditação. O ex-modelo gaúcho César Curti, um dos idealizadores do projeto explica que um dos princípios do Mahamudra é ser autossustentável. A ideia é não depender de nada, nem de ninguém para que o treino ocorra<sup>3</sup>. O fundador defende que é mais do que um tipo de exercício físico, o Mahamudra Brasil é um estilo de vida. Segundo Curti, o método visa estimular o constante progresso e evolução do ser humano a partir de três pilares: a saúde mental, corporal e espiritual<sup>4</sup>.

O grupo, que trabalha a evolução do corpo, da mente e do espírito, integra várias modalidades nas quais o praticante se dedica a atividades diferentes e desafiadoras que o estimulem a sair de sua zona de conforto. “Procuramos trabalhar os pontos fortes e fracos de cada indivíduo dentro do Mahamudra Brasil”, explica o idealizador.

De acordo com o website Bolsa de Mulher<sup>5</sup>, é através de atividades que o grupo estimula os alunos a potencializar o poder mental, explorar a consciência corporal e obter constante evolução física com treinamentos funcionais de alta intensidade e exercícios que misturam variadas modalidades.

Com isso, julgamos oportuno esclarecer, ainda neste início, que objetivamos nesse artigo realizar uma reflexão teórica-conceitual sobre o consumo do esporte, treinamento funcional – prática utilizada dentro do Mahamudra–, e questões voltadas à identidade. Para isso estudamos autores como Alain Ehrenberg, Pierre Bourdieu e Norman Fairclough.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://revistashape.uol.com.br/fitness/o-que-e-mahamudra-brasil/>. Acesso em: mai. 2016.

<sup>4</sup> Em entrevista com o treinador Cesar Curti, obtivemos essas informações a respeito do treinamento. Entrevistadora: Carolina Siqueira. São Paulo: ESPM-SP. (Outubro, 2015) Entrevista concedida pra projeto monográfico de conclusão de curso.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.bolsademulher.com/corpo/aula-que-emagrece-2-mil-calorias-mahamudra-mistura-yoga-ginastica-e-outras-modalidades>. Acessado em: 2015.



### O que é esporte?

No artigo de Pierre Bourdieu (1983) *Como é possível ser esportivo* extraído do livro *Questões de Sociologia* (1983), o autor analisa desde a formação da palavra *Esporte* e como as pessoas se foram aos poucos se tornando membros e praticantes de algum tipo de exercício corporal. Tudo começou no início do século XIX, quando as escolas públicas inglesas utilizavam as práticas esportivas como forma de construir o caráter de seus alunos, sobretudo, como uma forma barata de ocupar o tempo desses adolescentes que ficavam em tempo integral nas escolas. De acordo com Bourdieu (1983, p. 12), “quando os alunos estão no campo de esportes, é fácil vigiá-los, dedicam-se a uma atividade "sadia" e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores”.

Com o tempo, a prática de esportes foi se desenvolvendo na esfera de escolas públicas e privadas e foi não somente sendo direcionado para adolescentes, segundo Bourdieu (1983), “originalmente organizadas sobre bases beneficentes progressivamente foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos”. Na verdade, o esporte, na base de sua origem, além de ter sido considerado com uma atividade desinteressada e gratuita, tem, em certas modalidades, o propósito de lucros de distinção. De acordo com Bordieu (1983), certos esportes, como golfe e iatismo são jogados em sua maior parte em clubes esportivos mais seletivos, pois eles são um pretexto para encontros eletivos. O autor, de certa forma, explica sobre a distinção entre os esportes “chiques” e os “vulgares”:

Os lucros distintivos são dobrados quando a distinção entre as práticas distintas e distintivas, como os esportes "chiques", e as práticas que se tornaram "vulgares", devido à divulgação de vários esportes originalmente reservados à "elite", como o futebol (e em menor grau, o rugby que ainda guardará por algum tempo, um duplo estatuto e um duplo recrutamento social) é acrescida da oposição, mais marcada ainda, entre a prática do esporte e o simples consumo de espetáculos esportivos.

Antes uma prática esportiva que estava totalmente destinada a jovens e adolescentes estava inclinada a se tornar um instrumento e objeto de lutas entre todas as instituições organizadas para a mobilização e conquista políticas das massas. Com



isso, o autor alega que os patrões estavam apreensivos para garantir sobretudo uma envoltura contínua e total da população operária, para ir ao encontro desta vontade, os patrões ofereceram a seus assalariados, além de escolas e hospitais, estádios e outras instalações esportivas.

Precisamos entender, como, hoje, nos tempos modernos, o esporte é visto. Como vimos no livro de Pierre Bourdieu (1983), antes o esporte era encarado como algo de disciplina das massas (que precisa obedecer a regras e horários) e hoje temos o fair play, ou seja, o saber ganhar e o saber perder. De acordo com Marques (*apud* BOURDIEU, 1983), dentro do capitalismo o esporte carrega consigo valores individualistas e competitivos, e a premiação dos vitoriosos, e de acordo com o autor conseguimos compreender o porque o esporte como produto da sociedade industrial e urbana ter aglutinado as massas, não obstante o autor alega que esporte advém de práticas exclusivamente lúdicas arcaicas.

Nos tempos modernos, o esporte deixa de ser um pouco do que Bourdieu defende em seu artigo “*Como ser esportivo*”?, como algo para construir o caráter dos indivíduos e aliviar possíveis comportamentos agressivos em meados do século XIX e passa a ser o que Marques defende em seu artigo “*A criança difícil do século*” transformando em competição a partir do momento em que se estabelece regras, normas e se comercializa o poder competitivo dos atletas, perdendo consigo um pouco do seu caráter lúdico presente em sua origem.

No livro *O Culto da Performance* de Alain Ehrenberg (2010), podemos aprender um pouco melhor sobre como o esporte foi ao longo do tempo tomando novas definições e usos para a sociedade. O autor demonstra que o esporte ao longo dos anos acabou sendo considerado uma forma de medir competição em que apenas os “melhores” sobrevivem e que a justa competição é dada aos que conseguem performar da melhor maneira. De acordo com Eherenber (2010, p. 20), “o esporte é uma técnica de fabricação da autonomia, uma aprendizagem do governo de si mesmo que se desenrola tanto na vida privada quanto na vida pública”.



Percebemos o quanto a história da relação de uma comunidade com o esporte mudou. Se antes buscávamos o esporte somente como um exercício físico, hoje, essa mentalidade mudou. Praticar esportes periodicamente diz muito sobre nossa personalidade e ambições pessoais e/ou profissionais. Segundo o autor, “o esporte está a tal ponto ancorado no cotidiano que ele não constitui apenas uma forma de lazer ou uma atividade corporal específica pensada e organizada em vista de performances a se alcançar, mas a manifestação de uma relação generalizada com a existência” (EHRENBERG, 2010, p. 18). O autor ainda define a prática esportiva como um sistema de condutas de si que consiste em implicar o indivíduo na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade.

As mudanças ocorridas ao longo do tempo e que fez com que mudássemos a forma de encarar o esporte também trouxe consigo uma enorme responsabilidade. Ele carrega uma energia/força de atração dos valores da ação, aos quais ele dá legitimidade e credibilidade a imagem do indivíduo, segundo o livro *O culto da Performance*.

Assim como Ehrenberg (2010) ilustra em seu livro, não podemos esquecer de como o esporte é importante para a imagem do indivíduo. Alguém que diariamente produz uma atividade física, independentemente do tempo em que a exerce, transparece uma boa aparência física, um bom cuidado com a sua saúde e conseqüentemente uma melhor conduta com suas responsabilidades profissionais.

Em contrapartida, ao observamos o pensamento de Baudrillard (2010), podemos observar que o esporte-aventura ou a figura do sobrevivente muitas vezes “é símbolo de performance fetichista, do delírio de uma vitória no vazio e da exaltação de uma proeza sem consequência” (BAUDRILLARD, 2010, p. 33). Os indivíduos olham performances de longa duração no esporte, como no exemplo citado a Maratona de Nova Iorque como uma vitória vivida em nome de si mesmo sobre si mesmo. Já o sociólogo, enxerga essas grandes performances como forma de provar continuamente nossa própria vida e, conseqüentemente, um sinal de fraqueza e fragilidade do indivíduo.



Hoje, as pessoas, buscam cada vez mais por aventuras<sup>6</sup>, e não somente esportes. Existe agência especializadas em aventuras, que levam seus clientes a ultrapassar o turismo de massa ao explorar, por exemplo, o Saara, ou expedições nos altos planaltos do Tibet. Segundo Ehrenberg (2010), o que mais motiva indivíduos em um esporte ou aventura é que “a aventura consiste sobretudo em inventar regras num contexto imprevisível ou desconhecido” (p. 24) e as pessoas buscam serem desafiados cada dia mais.

Concluimos, por isso, que esporte não é somente um conjunto de práticas corporais específicas, válvula de escape das sociedades de massa, a retribuição das frustrações da nossa vida cotidiana, mas sim uma propensão em atrair valores de ação, aos quais o indivíduo dá confiança e autenticidade incomparáveis; segundo o livro *O Culto a Performance*. O esporte define a imagem do indivíduo ideal: “um indivíduo puro, sem raízes e sem passado, que não se refere a nada, a não ser a si mesmo” (EHRENBERG, 2010, p. 25)

### **Modalidades esportivas**

Diante de cenário esportivo e todas as transformações que o mesmo proporcionou para a sociedade, é importante levarmos em consideração a modalidade ensinada e disseminada no grupo Mahamudra, o treinamento funcional. De acordo com a *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano* (2014) o treinamento ou movimento funcional deve partir do princípio da funcionalidade, que privilegia movimentos integrados e multiplanares. Para a realização dessas atividades, o treinamento funcional provoca a aceleração, estabilização, desaceleração com o intuito de melhorar a habilidade do movimento, força de região do tronco (CORE) e eficiência neuromuscular. De acordo com o artigo, esse argumento é justificado pela possibilidade

---

<sup>6</sup> Segundo o livro, *O culto da performance*, aventura é quando o que importa é chegar até o fim. Já esporte possui obrigatoriamente uma classificação entre os envolvidos.



de aplicação e transmissão e entrega dos efeitos deste tipo de treinamento para as "atividades da vida diária" (AVD) e "atividades naturais".

Além disso, o artigo complementa dizendo que o treinamento funcional não depende de nenhum tipo de equipamento ou determinado tipo de exercício para que ele ocorra. Porém, existem alguns critérios para que o exercício seja considerado como funcional. Ele deve agrupar cinco variáveis distintas de funcionalidades: a) frequência adequada dos estímulos de treinamento; b) volume em cada uma das sessões; c) a intensidade adequada; d) densidade, ou seja, ótima relação entre duração do esforço e a pausa de recuperação; e) organização metodológica das tarefas. (Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, 2014, p. 716). Diante desta realidade do treinamento funcional e pelo grupo Mahamudra ser um grupo que engloba esse tipo de atividade, podemos inferir algumas coisas a respeito deste objeto ao analisarmos algumas afirmações realizadas pelos coaches durante o treinamento.

Dentro do Mahamudra, os professores dissertam exatamente sobre essa ideia; de que devemos treinar o nosso corpo para estar preparados para as atividades do nosso dia-a-dia, e que nosso corpo é nosso templo, devemos cuidar deles de forma contínua para exercermos nossas atividades naturais que exigem consciência corporal de forma mais ágil. <sup>7</sup> Para melhor compreensão de como essa modalidade está inserida dentro do grupo Mahamudra, procuramos explicar melhor no próximo tópico como é constituído o grupo de treinamento Mahamudra.

### **Discurso da produção**

Além da compreendermos o funcionamento de toda a didática do grupo Mahamudra. É importante analisar a importância do discurso dentro do grupo e para a construção de identidade de todos os membros ali presentes. Para isso, vamos estudar sobre o discurso da produção.

---

<sup>7</sup> Essas afirmações apresentadas foram recolhidas durante as aulas com os professores do Mahamudra. Aula ministrada em: Março 2016.



Para isso, nos apoiamos no livro *Discurso e Mudança Social*, de Fairclough (2001). Segundo a autora, ela usará o termo 'discurso' no qual os linguistas tradicionalmente escrevem sobre o 'uso de linguagem', *parole* (fala) ou desempenho. De acordo com Ferdinand de Saussure (1959), considera-se a 'fala' como não acessível ao estudo sistemático, por ser exclusivamente uma atividade individual, em que os indivíduos usam a língua de forma imprevisível, indo ao encontro de seus desejos e de suas intenções.

Os linguistas que usam a tradição saussureana identificam a *parole* para rejeitá-la, a implicação da tradição de Saussure e de qualquer estudar sistemático da língua deve ser um estudo do próprio sistema, da língua, e não de seu "uso". Por isso que a posição de Saussure é atacada consistentemente pelos sócio-linguistas que afirmam que o uso de linguagem é moldado socialmente e não individualmente. Eles argumentam que a variação no uso de linguagem é metódica e acessível ao estudo científico e que aquilo que o torna válido é sua ligação com variáveis sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

A língua varia de acordo com a natureza da relação entre os participantes em interações, o tipo de evento social, os propósitos sociais das pessoas na interação, e assim por diante (Downes, 1984). De acordo com Fairclough (2001), ao usar o termo 'discurso', é proposto considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como uma atividade individual ou retrato de alguma outra variável pontual/situacional.

Primeiramente, o implica ser o discurso um modo de ação, uma maneira em que os indivíduos podem agir sobre o mundo e os outros. Além disso, como uma maneira de representação, o que caracteriza uma relação com a estrutura social. Para Fairclough (2001), o discurso é totalmente constituído e adaptado pela estrutura social, seja ele societário, classificatório ou de natureza discursiva e não discursiva.

Além disso, o discurso contribui para o estabelecimento de todas as dimensões da estrutura social. Fairclough (2001) defende que a estrutura social pode direta ou indiretamente o moldar e/ou restringir suas próprias normas, como relações, identidades, normas e convenções. É possível então compreendermos que o mundo não é apenas representado por um discurso, mas o discurso da significação ao mundo.





É importante compreender quais são as formas de contribuição do discurso para a sociedade em que vivemos e para o grupo Mahamudra em que estamos estudando. Primeiramente, a construção do que chamamos de “identidade social” e “posições de sujeito” para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’ levam contribuições do discurso. Além do mais, os vínculos sociais entre os indivíduos recebem grande colaboração do discurso. E, em terceiro, de acordo com Fairclough (2001), o discurso auxilia para a construção de sistemas de conhecimento e crenças.

As três formas mencionadas anteriormente equivalem a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que comunicam durante todo o discurso, sendo elas as funções da linguagem: identitária, relacional e ideacional. De acordo com o autor, a primeira função é responsável pelas identidades sociais estabelecidas no discurso. Já a função da linguagem relacional corresponde as relações sociais entre os indivíduos do discurso são reproduzidas e a função ideacional diz respeito ao o que os textos significam e suas técnicas, entidades e relatos.

Percebemos que no grupo Mahamudra, o discurso é algo forte entre os professores, e eles usam desse recurso como uma forma de incentivo e uma forma de auxiliar na construção de alunos mais determinados a buscarem o seu melhor desempenho a cada aula<sup>8</sup>. O discurso dentro do grupo é dado de duas formas: durante o “aquietamento” e durante o alongamento (ao final do treino). O discurso é totalmente reflexivo, em que os professores proferem palavras que indaguem o aluno a pensar e refletir sobre comportamentos estressantes que temos ao longo do dia, e comportamentos que atraem energia negativa. Eles sempre buscam profanar palavras que traga energia boa e que somente assim o dia pode ser mais tranquilo. De acordo com um dos professores do Mahamudra, o importante é “Não deixe as pessoas te colocarem na tempestade delas, coloque-as na sua paz”<sup>9</sup>, sendo essa uma ilustração de uma frase reflexiva dita durante o treino.

---

<sup>8</sup> Observações foram retiradas durante as aulas do Mahamudra em que faço parte. Aula ministrada em: Março 2016

<sup>9</sup> Observações coletadas durante minha participação em um dos treinos do Mahamudra. Aula ministrada em: Março 2016.



Em contrapartida, durante o WOD – *Workout Of the Day* – já mencionado anteriormente, os professores usam do momento de mais euforia dos alunos e consequente exaustão para discursar frases motivacionais. Os professores indagam os alunos a sempre querer ir além e de que nunca estamos dando nosso máximo, frases como “o controle esta na sua mente”, “você que dita ao seu corpo até aonde você consegue ir”, e frases também que mostram que o treino nunca vai estar tranquilo o suficiente para sairmos de lá descansados, como “e na hora que você se adaptar a gente aberta”.<sup>10</sup>

De acordo, com um dos professores do Mahamudra, o intuito é fazer com que o aluno leve o que foi dito durante o treinamento para o seu estilo de vida, e que possamos involuntariamente viver as energias que temos no treino no nosso dia-a-dia. Em uma das aulas, o professor estava discursando sobre a importância do exercício ao ar livre e disse “o importante é nós mostrarmos para vocês sempre novos lugares para que no tempo livre de vocês, vocês queiram também fazer isso, estilo de vida mesmo e não como obrigação”.

Com isso, percebemos como que compreender que a prática discursiva é dada tanto de maneira convencional como criativa é essencial. O discurso contribui para reproduzir e modificar a sociedade. Segundo Fairclough (2001) é importante que o vínculo entre discurso e estrutura social seja dialética, para que assim possamos evitar algumas falhas indevidas, como a determinação social do discurso e a construção social no discurso.

Gostaríamos de a partir da análise do discurso da produção entender como essa retórica pode influenciar na construção de identidade dos membros ali presentes. Como o discurso é dado como algo poderoso e muito bem enraizado dentro do treinamento, é importante entendermos como podemos compreender o discurso à construção de identidade brevemente analisado no próximo tópico.

---

<sup>10</sup> Observações coletadas durante minha participação em um dos treinos do Mahamudra. Aula ministrada em: Março 2016.



## A construção da identidade

A partir de Maffesoli (2006) podemos inferir que a cultura é um campo de extrema importância na nossa sociedade. Durante a leitura do autor, percebemos como é necessário estudarmos a construção do indivíduo e sua história, e como o individualismo o afeta quanto pessoa. Segundo Maffesoli (2006), o individualismo é como se fosse um *bunker* obsoleto, e com isso merece ser abandonado. Além disso, precisamos reconhecer que a ideia de “*persona*, da máscara do indivíduo, pode ser mutável e que se integra sobretudo uma variedade de cenas, de situações que só valem porque são representadas em conjunto” (MAFFESOLI, 2006 p.37). Ou seja, inferimos que o indivíduo possui uma multiplicidade de “eu” e essa variedade servirá de fundo para nossa reflexão.

Para o autor do livro, “a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (*persona*) só existe na relação com o outro” (MAFFESOLI, 2006 p.37). Entendemos então que o indivíduo participa de um grande mito, e não depende somente de se associar a outros indivíduos racionais.

Com o intuito de ilustrar como a ambiência emocional no desenvolvimento tribal, o autor utiliza de alguns exemplos cotidianos. Podemos citar, por exemplo, a tendência a *orientalização* da existência que é observado nas cidades ocidentais. De acordo com a análise que Augustin Berque (*apud* Maffesoli, 2006 p. 38), destacamos a “*simpatia*” entre o eu e o outro, no Japão. Como forma de compreender o mundo contemporâneo, Berque (2006) traz a ideia da extensibilidade do eu, ou seja, um ego relativo e extensível, que pode funcionar como uma alavanca metodológica funcional para os dias contemporâneos de hoje. Ilustramos esse pensamento com a seguinte passagem:

não vale a pena lembrar a fascinação que o Japão exerce hoje em dia, nem mesmo fazer referência a sua performatividade econômica ou tecnológica, para sublinhar o fato de que, se a distinção é, talvez, uma noção que se aplica a modernidade, por outro lado, ela é totalmente inadequada para descrever as diversas formas de agregação social que vêm a luz. Estas tem contornos indefinidos: o sexo, a aparência, os modos de vida, até mesmo a ideologia são cada vez mais qualificados em termos (‘trans...’, ‘meta...’) que ultrapassam a lógica identitária e/ou binária (BERQUE, p. 38, 2006)



Precisamos, com isso, compreender como são as relações que tomam conta do interior dos microgrupos sociais para concluirmos e entendermos como esses grupos estão situados nos seus contornos espaciais, sua interação com o espaço em que vivem e as pessoas que participam do dia-a-dia dos indivíduos, assim como a prática discursiva dentro do grupo pode influenciar para que características mais específicas apareçam nos membros do grupo Mahamudra.

### **Referências**

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? Rio de Janeiro. Marco Zero p. 136-156.

EHRENBERG, Alain. O Culto da Performance: Da aventura empreendedora á depressão nervosa. São Paulo, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília, 2001.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. São Paulo. Rio de Janeiro, 2006.